

ASSASSINATO NO EXPRESSO DO ORIENTE

Cliente: Editora Nova Fronteira (grupo Ediouro)
 Produto: Agatha Christie (coleção, capa dura)

16 Agatha Christie

estava bem atrás dele. A moça, quase sem poder respirar, perguntou-lhe em francês:

— O que houve? O que está nos prendendo?

— Nada, Mademoiselle. Apenas alguma coisa que peço fogo sob o carro-restaurante. Nada de sério. Eles estão comendo tudo agora. Não há qualquer perigo, posso garantir.

Mrs Debenham gentilmente como se pouco se importasse com a ideia do perigo:

— O tempo?

— Sim, sim, compreenda. Mas o tempo!

— Mas não podemos ter qualquer atraso? O trem chega às 18h55 e ainda se tem de cruzar o Bosfôro para pegar o Expresso do Oriente, do outro lado, lá, nove horas. Se houver um atraso de uma ou duas horas, perderemos a conexão.

— É bem possível.

Poirot olhou-a com curiosidade. A mão pousada na janela não estava firme, seus lábios tremiam.

— Isso a perturba muito, Mademoiselle?

— Sim, muito. Preciso pegar aquele trem.

Mrs Debenham afastou-se de Poirot e foi ao encontro do condutor Abdullah, no outro extremo do corredor. Sua aparência, entretanto, era injustificada. Dez minutos após, o trem reiniciou a viagem. Chegaram a Haydarpasar com apenas cinco minutos de atraso, recuperando parte do tempo perdido.

O Bosfôro estava bravo, e Poirot não gostou da travessia. Separou-se dos companheiros de viagem e desde então os perdeu de vista. Chegando à ponte Galata, rumou diretamente para o hotel Tokladan.

Assassinato no Expresso do Oriente 17

2 O hotel Tokladan

No Tokladan, Hercule Poirot pediu um apartamento à recepção e encantou-se à portaria, em busca da correspondência. Três cartas e um telegrama o esperavam. Suas secretárias se elevaram um pouco ao ver o telegrama. Afinal, aquilo era algo inesperado. Abriu-o com a calma habitual. A mensagem datilografada era clara: "Tudo o que previa sobre o Caso Kasner aconteceu inesperadamente. Favor regressar imediatamente."

— Isso, que sou o de passar — murmurou, olhando o relógio na parede. E voltou ao chefe da portaria.

— Tenho de partir esta noite. A que horas sai o Simplon Orient?

— Às nove, Monsieur.

— Poderia arranjar-me um leito?

— Certamente, Monsieur. Não há problema nesta época do ano. Os trens andam quase vazios. Primeira classe, ou segunda?

— Primeira.

— Três sim, Monsieur. Até onde o senhor vai?

— Londres.

— Três, Monsieur. Vou arranjar uma passagem para Londres e reservar-lhe um leito no carro-dormitório do avião Istambul-Cádis.

Poirot olhou novamente para o relógio. Eram 19h50.

— Há tempo para jantar?

— O pequeno almoço agradeceu com um aceno de cabeça, foi à recepção, cancelou a reserva do apartamento e atravessou o salão, seguindo para o restaurante. Fazia o pedido ao garçom, quando uma mão tocou-lhe o ombro, e de trás, alguém lhe disse:

— Ah, meu velho, que prazer inesperado!

Era um homem idoso, atarracado, os cabelos cortados ao desce. Sorria prazerosamente. Poirot levantou-se.

28 Agatha Christie

O detetive sentiu que aqueles olhos estranhos o observavam atentamente, antes que seu dono falasse de novo.

— Em meu país — disse — gostamos de ir direto ao assunto. Se Poirot, quero dar-lhe uma tarefa.

— Minha tarefa? — respondeu Poirot, as sobrancelhas levantadas — é atualmente muito limitada, Monsieur. Só conduzo um pequeno caso.

— Naturalmente! Mas trata-se de M. Poirot, de muito dinheiro — e repetiu, em tom macio, persuasivo —, muito dinheiro.

Hercule Poirot calou-se por um minuto ou dois, e observou:

— O que quer que lhe diga, Monsieur... Ratchett?

— M. Poirot, sou um homem rico. Um homem muito rico. Minha situação financeira é ótima. E eu tenho um inimigo.

— Agora um inimigo?

— O que quer dizer com isso? — perguntou Ratchett.

— Monsieur, minha experiência indica que quando um homem está numa situação de, como o senhor diz, ter inimigos, ele não os resume em apenas um.

Ratchett pareceu aliviado pela resposta de Poirot.

— Claro! Gostei de sua observação. Inimigo ou inimigos, pouco importa. O que importa é a minha segurança.

— Segurança?

— Minha vida foi ameaçada, M. Poirot. Mas sou dois homens que sabem cuidar de si. — Retirou uma pequena pistola automática do bolso do casaco, mostrou-a e guardou-a novamente. — Não sou o tipo de homem que pode ser apalhadado dormindo. Mas quero estar duplamente seguro disso. Certo que o senhor é o homem indicado para o meu dinheiro, M. Poirot. E lembre-se, muito dinheiro.

Poirot olhou-o pensativamente por alguns minutos. Seu rosto não dizia absolutamente nada. Ratchett não poderia adivinhar o que lhe passava pelo pensamento.

Poirot olhou-o pensativamente por alguns minutos. Seu rosto não dizia absolutamente nada. Ratchett não poderia adivinhar o que lhe passava pelo pensamento.

— Lamento, Monsieur — disse com convicção —, mas tenho sido muito feliz na minha profissão. Gahetli o suficiente para satisfazer tanto meus desejos como meus caprichos. E agora só preciso de um... me interesse.

— O senhor tem muito bom nervos — disse Ratchett —, mas será que vinte mil dólares não o tentariam?

— Absolutamente.

— Se o senhor está barganhando por mais, não consigo. Sei quanto as coisas valem exatamente.

— Então também, M. Ratchett.

— O que há de errado com a minha oferta?

Poirot ergueu-se.

— Se me desvilupar a observação pessoal, eu não gosto da sua cara, M. Ratchett — dizendo isso, foi deixando o carro-restaurante.

4 Um grilo no noite

O Expresso do Oriente chegou a Belgrado naquela noite às 20h45 e não deveria partir antes das 21h15. Poirot desceu à plataforma. No entanto, não se demorou muito ali. O frio potava e, embora a plataforma fosse mais ou menos protegida, estava muito lá fora. Velou a cabeça.

O condutor, que batia os pés na plataforma e sacudia os braços para manter-se aquecido, dirigiu-se a ele:

— Suas coisas, Monsieur, foram transferidas para a cabine número 1, de M. Bouc.

— Mas onde está M. Bouc?

— Ele mudou-se para o carro de Atenas, que acaba de ser engatado.

Poirot foi ao encontro do amigo, que recusou todos os seus protestos.

— Não é nada. Absolutamente nada. Assim é bem melhor. Você vai seguir até a Inglaterra, de modo que é melhor permanecer no carro que segue até Cádis. Eu estou bem, aqui. É bem mais calmo. Este carro está vazio, e o

18 Agatha Christie

— M. Bouc!

— M. Poirot!

Bouc, um belga, era diretor da Compagnie Internationale des Wagons Lit. Há muitos anos conhecia a ex-estrela da Força Policial Belga.

— Está bem longe de casa, meu dear.

— Um pequeno caso na Síria.

— Ah! E quando volta?

— Esta noite.

— Excelente, eu também. Quero dizer, vou até Lausanne, onde tenho alguns negócios. O senhor viaja no Simplon Orient?

— Sim. Acabo de pedir que me arranjem um leito. Pensava em ficar alguns dias por aqui, mas recebi um telegrama chamando-me à Inglaterra em face de uma coisa importante.

— Ah! *Les affaires... les affaires!* Mas o senhor, o senhor está no alto, não é?

Hercule Poirot tentou parecer modesto. Bouc sorriu, dizendo que mais tarde voltariam a se encontrar. O detetive concentrou-se no trabalho de manter os bigodes fora da sopa. Acabando, olhou à sua volta, aguardando o segundo prato. Havia uma meia dúzia de pessoas no restaurante. Entre elas, duas pareciam-lhe de especial interesse. Sentaram-se não muito longe. O mais jovem era um americano simpático de uns trinta anos. Mas não fora ele, e sim o seu companheiro, que despertara a atenção do detetive. Tratava-se de um homem de uns sessenta ou setenta anos que, de perto, tinha o aspecto suave de um filantropo. Cabeça ligeiramente calva, testa alta, sorriso mostrando a brancura dos dentes artificiais, tudo indicava uma personalidade benevolente, à exceção de um olho pequeno, fundo, enxadões. E não era só isso quando o homem, observando qualquer coisa ao companheiro, deu uma resposta em volta, seus olhos posaram por alguns segundos sobre Poirot, e, naquele momento, mostraram-se tenso e maliciosos. Levantou-se:

Assassinato no Expresso do Oriente 19

— Pague a conta, Hector — disse, num tom seco, mas suave, perigoso.

Quando Poirot voltou a encontrar-se com o amigo, no sagão, os dois preparavam-se para deixar o hotel. A bagagem estava sendo trazida para baixo, sob a supervisão do mais jovem.

— Tudo pronto agora, Mr. Ratchett — disse ele, abrindo a porta de vidro.

O mais velho concordou, num resmungo, e saiu.

— *Et bien* — disse Poirot —, que acha daqueles dois?

— São americanos — respondeu Bouc.

— Certamente são americanos. Mas perguntei o que achava deles.

— O mais jovem parece muito simpático.

— E o outro?

— Para dizer-lhe a verdade, meu amigo, não me importei muito com ele. Deu-me uma impressão desagradável. E a qual?

Poirot pensou um pouco, e respondeu:

— Quando passo por mim no restaurante, tive uma impressão muito estranha. Foi como se um animal selvagem, um animal muito selvagem, você compreende, passasse por mim.

— E ainda assim ele parecia ser muito respeitável.

— *Pitiful!* O corpo a julia, tudo muito respeitável. Mas um animal sempre alerta, olhando tudo de trás das grades.

— Você é muito engraçado, *mon vieux* — disse o M. Bouc.

— Talvez. Mas não pode me livrar da sensação de que o diabo tivesse passado bem perto de mim.

— Aquele respeitável cavalheiro americano?

— Aquele respeitável cavalheiro americano.

— Bem — disse Bouc, afofo —, há muitos diabos à solta pelo mundo.

Naquele momento, a porta de vidro abriu-se, e o chefe da portaria, num ar preocupado, apressou:

1 O depoimento do condutor da Wagon Lit

No carro-restaurante, estava tudo pronto. Poirot e Bouc sentaram-se de um lado, o médico do outro. Não me em frente a Poirot, uma planta do carro Istambul-Paris com os nomes dos passageiros marcados a tinta vermelha. Os passageiros e os bilhetes formavam uma pilha, no outro lado. Havia papel, tinta, caneta e lápis.

— Excelente — observou o detetive —, podemos abrir nossa comissão de inquirição sem maiores dificuldades. Primeiro, certo, devemos tomar o depoimento do condutor. Você provavelmente sabe alguma coisa sobre ele. Quem é? Pessoa na qual se pode confiar?

— Tenho certeza disso, Pierre Michel está na companhia há mais de 15 anos. É francês, mora perto de Cádis. Respeitável e honesto. Poirot não muito inteligente.

Poirot acenou, desdenhando o comentário.

— Bom, vamos vê-lo.

Pierre Michel, já recuperado, mostrava-se extremamente nervoso.

— Espero que Monsieur não pense que houve qualquer negligência da minha parte — disse angustiado, seus olhos indo e vindo de Bouc a Poirot. — É uma coisa terrível, tudo isso. Espero que Monsieur não ache que isto refletirá em mim de alguma forma.

Depois de acalmá-lo, Poirot começou com as perguntas. Primeiro contou o nome completo de Michel, seu endereço, as obrigações do serviço e há quanto tempo trabalhava naquela agência, em particular. Tudo aquilo ele já sabia, mas as questões de rotina serviam para colocar o homem à vontade.

— Agora — perguntou Poirot —, vamos aos acontecimentos da noite passada. Quando M. Ratchett foi dormido?

— Quase imediatamente após o jantar, Monsieur. Na verdade, antes de deixarmos Belgrado. Foi assim na noite anterior. Pediu-me que lhe preparasse a cama enquanto jantava, e foi o que fiz.